



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB

FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO VITURIANO

ENTENDENDO O APARTHEID E A FIGURA DE NELSON
MANDELA

REDENÇÃO - CE

JUNHO/ 2016

FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO VITURIANO

ENTENDENDO O APARTHEID E A FIGURA DE NELSON
MANDELA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Especialização em Políticas de
Igualdade Racial no Ambiente
Escolar da Universidade da
Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira como parte
dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Carlos
Subuhana

REDENÇÃO
JUNHO/2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

V828e

Vitoriano, Francisca Maria da Conceição.

Entendendo o Apartheid e a Figura de Nelson Mandela. / Francisca Maria da Conceição Vitoriano. – Redenção, 2016.

38 f.: il.; 30 cm.

Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Subuhana.
Inclui referências.

1. Apartheid - África do Sul. 2. Nelson Mandela. I. Título.

CDD 936

FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO VITURIANO

Entendendo o Apartheid e a Figura de Nelson Mandela

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Professor Doutor Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor(a)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor(a)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUPLENTES

Professor Doutor(a)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB

Professor Doutor(a)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –UNILAB

Redenção – CE, 25 de Junho de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai (*memoria*), meu grande mestre, uma pessoa simples, mas que me ensinou a amar, praticar a justiça e a solidariedade. A você meu pai, meu muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo o dom da vida e da sabedoria.

Em segundo, a minha mãe que por muitas vezes enxugou minhas lagrimas nos momento de cansaço.

E em terceiro, a uma pessoa especial, Cosme Alves, que por muitas vezes me encorajou e me fez acreditar que diante de todas as dificuldades que eu passava no momento eu era capaz de concluir esse curso.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor de sua pele, da sua origem ou da sua religião. Para odiar, é preciso aprender. E, se podem aprender a odiar, as pessoas também podem aprender a amar."

Nelson Mandela

RESUMO: O presente texto aborda o conceito de apartheid bem como as lutas e as consequências e os reflexos pós-apartheid. Este regime foi um sistema de segregação racial em que os povos da África do Sul foram separados legalmente pela cor da pele. Foi um sistema racista que negou por muitas décadas a dignidade do homem. A figura de Nelson Mandela foi o principal líder anti-apartheid e passou parte de sua vida, precisamente, 27 anos na prisão, porque lutou contra as injustiças do apartheid. Neste texto, abordamos não só as definições e contextos do regime, como também aspectos da vida e das lutas lideradas pelo africano. Esta pesquisa foi muito importante não só para mim, mas para o meio acadêmico de um modo geral, para reafirmar a importância de se trabalhar os direitos civis e apoiar causas que venham defendê-los.

Palavras-Chaves: Apartheid; Nelson Mandela; África do Sul; Bibliografia.

ABSTRACT: This paper discusses the concept of apartheid and the struggles and the consequences and post-apartheid reflexes. This scheme was a racial segregation system in which the people of South Africa have been legally separated by the color of the. It was a racist system that denied for many decades the dignity of man. The figure of Nelson Mandela was the main anti-apartheid leader and spent part of his life, precisely 27 years in prison because he fought against the injustices of apartheid. In this paper, we address not only the settings and contexts of the regime, as well as aspects of the life and struggles led by the African. This research was very important for not only me but to academia in general, to reaffirm the importance of working civil rights and support causes that will defend them.

Key Words: Apartheid; Nelson Mandela; South Africa; Bibliography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I – CONTEXTUALIZANDO O APARTHEID.....	13
1.1 O Conceito de Apartheid	13
1.2 As consequências do Apartheid	16
II – OS MOVIMENTOS RESISTENTES AO APARTHEID SOB A LIDERANÇA DE NELSON MANDELA	23
2.1 As lutas contra o Apartheid	23
2.2 A figura de Nelson Mandela.....	26
III – OS REUSLTADOS DA LUTA CONTRA O APARTHEID	34
3.1 O Declínio do Apartheid.....	34
3.2 Os reflexos do pós-Apartheid	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Trabalhar com fatos históricos, não é algo simples, não, são fatos que devem ser analisados cuidadosamente e de acordo com o contexto em que aconteceu. Conhecer a história é algo impressionante, principalmente quando você se depara com fatos, acontecimentos que por algum motivo lhe chama atenção. No caso do apartheid é um assunto que gostaria muito de conhecer, de entender o que realmente aconteceu, como aconteceu, quando aconteceu, com quem aconteceu, e em segundo, para contribuir com a educação nos que diz respeito o entendimento da história.

Já parou para pensar se em algum momento você foi explorado ou humilhado pela cor da sua pele? Já foi negado a você o direito de ir e vir, o direito ao lazer, a saúde e a educação por causa da sua posição social? Já fortes oprimido porque tens o cabelo diferente dos demais? Essas indagações fazem parte do apartheid, um sistema racista imposto por uma minoria sobre a maioria. Trabalhar o apartheid é um assunto que mexe com o indivíduo, pois o mesmo, diz respeito aos indivíduos da África do sul, cujas vidas foram marcadas pela separação, o desrespeito, a humilhação e a negação do ser humano. Entendendo o apartheid e a figura de Nelson tem o propósito de apreender o que foi o sistema apartheid, quais lutas foram travadas contra esse movimento, as consequências dessa segregação e os resultados da resistência antiapartheid. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico, baseada em leitura de artigos e livros.

No primeiro momento apresentamos o que foi o apartheid, que significa separação, ou seja, vidas separadas. Um sistema de imposições dos brancos sobre os negros, mestiços e índios, um movimento racista que buscava diminuir a importância desse povo e implantar suas ideologias para melhor domina-los. Discutimos também, as consequências do apartheid que além da negação dos direitos da maioria, a desvalorização e exploração da força do trabalho negro, as prisões e as mortes.

No segundo momento, há uma apresentação de como foram às lutas contra esse sistema. Essas lutas aconteceram porque não se aceitavam essa

separação entre os povos, buscavam a igualdade de direitos entre todos independente da cor, ou da posição social. Na sequência, apresentaremos a figura de Nelson Mandela, um líder nato, que lutou por muitos anos em favor da igualdade e o fim da segregação racial.

E por fim, o resultado desses movimentos antiapartheid, que apesar de muitas dificuldades, esse regime “chegou ao fim” dando origem a um sistema democrático, voltado para a valorização do indivíduo como todo.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZANDO O PARTHEID

1.1 O conceito de apartheid

O Apartheid foi à separação do povo branco dos povos negros, em que os direitos dos negros eram diminuídos e até negados. Isso na África do Sul no ano de 1910.

O termo Apartheid significa segregação e esta quer dizer separação entre povos fazendo trazendo assim, a submissão de uma classe sobre outra. Pode também ser caracterizado como a opressão dos negros pelos brancos; negação da dignidade negra em detrimento do branco; luta da cor branca e da cor preta; dominação da minoria sobre a maioria, dentre muitas outras significações. A segregação é um sistema rígido que separa as pessoas pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, fazendo referência à sua raça e pela posição social. Nesse sistema, o regime escraviza, maltrata e explora o trabalho de outro, principalmente do negro, foco de nosso trabalho. Nele também há a busca pela ascensão política e econômica, utilizando como principal instrumento para essa conquista a força bruta, em especial do povo negro.

Em algum momento da história de sua vida você lembra se a sua rua foi dividida em duas onde ficaria de um lado os povos negros e do outro lado os povos brancos? Provavelmente sua resposta foi não, pois fica difícil de imaginar isso acontecendo nos dias de hoje, porém, foi exatamente isso que aconteceu com o sistema apartheid. A rua foi dividida em duas partes: de um lado negros e do outro branco. Sendo que os negros eram proibidos de frequentar os mesmos lugares que os brancos, obrigados a morarem em locais diferentes e proibidos terminantemente de pisarem no território do branco.

O mundo foi separado assim com as ruas. Foi separado pelo ódio, pelo racismo, pela intolerância, separados por pessoas que assim como qualquer outra, lutavam pela sobrevivência. Lutavam para que seus direitos fossem respeitados, lutavam para que a sua dignidade seja reconhecida, gritavam

desesperadamente que somos todos seres humanos e como tais, devemos respeitar e sermos respeitados. Porém, os gritos dos injustiçados não tinham nenhum significado, eram ignorados por um sistema brutal de segregação racial e, diante de tudo isso, não tinham amparo legal, porém a partir de 1948 se torna legítima a separação dos brancos e dos negros.

A África do Sul se dividiu em dois: (1910) as terras dos brancos e as terras dos negros. Sendo que os primeiros eram a minoria e ficaram com 93% enquanto os segundos eram a maioria e ficaram com somente 7% do território.

Com a aprovação da Constituição da União Sul-Africana (federação das províncias do Cabo, Natal, Orange e Transvaal), a população negra foi privada do direito ao voto e à propriedade da terra. A partir de 1910, quando o país tornou-se independente da Coroa Britânica, juntamente com a Austrália e com o Canadá, várias leis segregacionistas foram implementadas. Entre elas, o *Native Labour Act*, de 1913, estendeu aos trabalhadores urbanos o sistema de submissão vigente nas fazendas, dividindo a África do Sul em duas partes – 7% do território nacional foram deixados aos negros, que representavam 75% da população e 93% das melhores terras foram entregues aos brancos que correspondiam a 10% da população. (SILVEIRA, 2010, P. 3).

Podemos perceber que a preferência pelos brancos é discrepante com relação ao negro, pois enquanto a população negra foi privada de vários direitos, sendo submetida às exigências dos brancos e por ser a maioria, a porcentagem de terra bem menos, à população branca, classe dominadora, recebia as melhores terras e em maiores quantidades, mesmo sendo a minoria.

Desta forma, fica explícita a desigualdade entre as pessoas que tinham algo diferente, seja a condição social, a cor, as ideias, etc.

Este acontecimento foi um sistema racista que excluía o ser humano pela cor da pele, pela condição social e principalmente pelo poder. O apartheid teve como finalidade a segregação dos indivíduos, gerando desta forma, um grande conflito que levou várias pessoas para prisão e até a morte.

Na formulação de seus intelectuais e na exploração dos políticos, a história do *Apartheid* tem início pouco antes de 1948. No entanto, a da segregação antecede essa data em muito, e não são poucos os analistas que localizam suas raízes no século XIX. A ideologia da superioridade branca e da discriminação racial era uma exigência do sistema de exploração agrária a que se dedicavam os *afrikaners*, pois

praticavam uma agricultura atrasada e pouco lucrativa em comparação com a cultura extensiva que a burguesia inglesa desenvolvia nas províncias do Cabo e Natal. (Ibid, 2010, p. 3).

Na citação anterior, podemos perceber que a história do sistema *apartheid*, aconteceu na década de 40, porém, a segregação deu início bem antes de 1948. A superioridade do branco para com os negros vem desde meados do século XIX, cujas ideologias da brancura eram a discriminação racial e a exigência de uma exploração agrária.

A dominação britânica foi sucedida por uma espécie de “colonialismo interno” com o controle político dos afrikaners, que criou um sistema de opressão institucionalizada contra a maioria negra e, em menor medida, mestiça e asiática, que foi tolerada pelo Ocidente durante a Guerra Fria. (VISENTINI/ PEREIRA 2010, P. 36)

A passagem do regime *apartheid* a um regime democrático na África do sul, não foi tranquilo, mas foi um momento político que desencadeou situações complexas, de um lado, o bom desenvolvimento econômico africano, porém, do outro, ocorreu grandes problemas socioeconômicos como o desemprego, a pobreza, alta concentração de renda nas mãos dos brancos, a intensa violência, ocasionando desta forma, as injustiças e as desigualdades sociais. Como podemos ver:

A transição do regime do *Apartheid* a um regime democrático na África do Sul não foi dos mais pacíficos, mas pode ser considerado como um grande momento político. O governo democrático que assumiu o poder em 1994 teve que lidar com uma situação bastante complexa. Se por um lado herdou a mais desenvolvida das economias africanas, com uma moderna infraestrutura, por outro, herdou também grandes problemas socioeconômicos, incluindo um alto nível de desemprego, índices alarmantes de pobreza, alta concentração de renda, além de intensa violência. A África do Sul viveu uma relação peculiar entre poder, terra e trabalho. O poder colonial no país se deu basicamente de três maneiras. Primeiramente, criou estruturas políticas e econômicas que permitiram a superioridade dos colonizadores em relação às populações nativas. Em segundo lugar, os colonizadores restringiram o acesso desses grupos à terra, à água e ao gado. Por fim, os diversos grupos nativos e, posteriormente, também estrangeiros, foram transformados em força de trabalho. Esses fatores regeram o colonialismo na África do Sul da metade do século XVII até o fim do século XX. Assim, o poder político, econômico e militar da minoria branca determinou o destino da sociedade sul-africana por quase 350 anos. (Idem, P. 35, 36).

Como podemos perceber o poder do colonialismo imperou por vários séculos, sempre restringindo a priori, aos nativos as necessidades básicas como o direito à terra, portanto a subsistência, à água, uma necessidade ímpar à qualquer pessoa e ao gado que era uma fonte de renda. Posteriormente, é que os nativos juntamente com os estrangeiros foram transformados em força de trabalho. Desta forma, o poder político, econômico e militar determinou o destino do povo sul-africano.

1.2 As consequências do apartheid

Foram várias as consequências deixadas por esta segregação, dentre elas está a negação dos povos negros à votação. Segundo VISENTINI (2010), com aprovação da Constituição da União Sul-Africana, a população negra foi proibida de votar e à propriedade da terra, tendo como fundamento as leis segregacionistas. Neste sentido, podemos analisar que o direito ao voto que é próprio do cidadão foi negado, assim como também as terras e que somente depois houve o acesso a terra, um território dividido, cujas desigualdades eram nítidas. Alegando que os povos negros ficariam com a parte menor de terras, porém, a mais produtiva que serviriam para a produção da subsistência de ambos (negros e brancos).

Segundo VISSSENTINI (2010) as consequências foram várias, dentre elas a proibição do casamento entre brancos e negros. Ou seja, a lei garantia a proibição do namoro ou qualquer outro tipo de sentimento que pudesse consequentemente juntar as pessoas de raças diferentes. Limitando qualquer tipo de sentimento a que viessem sentir. Os sentimentos eram privados, adormecidos e congelados na alma dos casais apaixonados, pois o preconceito racial permanecia latente entre os povos brancos disseminando desta forma, o ódio sobre os negros de uma forma jamais vista.

Outra consequência do *Apartheid*, e que foi assegurada por lei foi a exploração do trabalho negro. Vissentini discorre:

O *Native Affairs Act* coroou o complexo estabelecimento de uma legislação segregacionista, regulando o sistema de exploração do trabalho negro. Até a Primeira Guerra Mundial, os interesses econômicos dos brancos eram baseados na

complementação da mineração com a agricultura intensiva. Com a recessão do mundo capitalista no pós-guerra houve uma significativa queda nas taxas de lucratividade das minas, obrigando as grandes companhias a contratarem trabalhadores negros. Esse fato acabou por provocar o embate entre os trabalhadores assalariados. A greve de Rand, em 1922, foi duramente reprimida pelo governo. A maioria dos grevistas era formada por brancos pobres, descendentes dos *boers* que haviam perdido suas terras e encontrava dificuldades de acesso à nascente estrutura industrial do país tornando-se, assim, alvo fácil da propaganda nacionalista de extrema-direita. (Idem P. 38).

Em todo o processo de segregação houve a exploração dos povos brancos sobre os povos negros, porém esse abuso veio se intensificar à medida que essa opressão foi amparada por leis. Se a economia do País, do Estado ou do Continente diminuísse, os sacrificados para reverter à economia da sociedade eram os negros. Mas houve um momento em que a economia sofreu grandes abalos e que fez surgir movimentações de trabalhadores brancos assalariados, descendentes de *boers* (imigrantes holandeses, alemães e franceses) que tinham perdidos suas terras e encontrava dificuldades de acesso à estrutura industrial do país. Os quais se tornaram vítimas do sistema segregacionista.

Outra consequência deixada pelo o *apartheid* foi a negação dos trabalhadores negros ao acesso ao trabalho nas cidades, até que os trabalhadores brancos fossem submergidos pelo mercado de trabalho. Essa situação de proibição dos negros trabalharem na zona urbana estaria terminantemente proibida. Vejamos:

A conciliação frente a essa divergência de interesses coube a Hendrik Frensch Verwoerd, quando ascendeu ao cargo de Primeiro- Ministro (1958-1966). Articulador da teoria do desenvolvimento separado, agregou ao *Apartheid* novas características. Em 1948, Verwoerd foi derrotado nas eleições parlamentares, mas foi nomeado para o Senado, e em 1950, foi feito Ministro dos Assuntos Nativos. No Departamento de

Assuntos Nativos, Verwoerd tentou resolver os problemas inerentes às exigências do *Apartheid* através da Política de Preferência do Trabalho Urbano. A ideia era a de não permitir acesso ao trabalho nas cidades a nenhum negro até que todos os brancos que ali estavam fossem absorvidos pelo mercado de trabalho (Idem, P. 41).

Podemos observar que o senador Verwoerd, atendendo aos pedidos e exigências do sistema apartheid, através da PTU (Preferência do Trabalho Urbano) declarou que nenhum negro poderia ter acesso ao trabalho nas cidades. A condição para que os negros pudessem usufruir desses empregos na *polis* (cidades-estados) era a liberação dos brancos pelo mercado de trabalho. Como forma para diminuir os movimentos negros, recorreram aos fatores burocráticos que para diminuir o mal-estar na sociedade, resolveu deixar em algumas empresas os negros africanos.

A escola é uma instituição que forma pessoas, desenvolve o senso crítico e autônomo de quem dela participa. Principalmente quando se trata de crianças que necessitam de orientações precisas para que as mesmas venham crescer, se desenvolver e aprender a discernir o certo do errado, o justo do injusto. A educação é parte essencial para o desenvolvimento de uma pessoa, independente da cor da pele, da posição social ou do tipo de cabelo. Mas na África, precisamente no Sul da África, a educação foi banida, negada a maioria da população, pelos simples fato da cor da pele e da posição social. A pele porque era negra, a posição social porque era das classes menos favorecida. E assim permaneceu por muito tempo, até certa idade, porém quando as pessoas passam a ter acesso à escola ela serve de veículo para a classe dominante impor suas ideologias. Ideias preconceituosas de um povo que se sentia superior por ser brancos.

O retalhamento aconteceu no âmbito educacional, antes a educação dos negros era através das missões, após o sistema de segregação, precisamente o apartheid, a educação do negro foi destinado as escolas totalmente desestruturadas, desorganizadas e era somente para um parte pequena dos alunos que tinham idade de sete a dezesseis anos. Afirma Visentini que

A segunda unidade tem a ver com a educação. A evolução aqui foi ambivalente. Antes de 1948, a educação negra havia ficado quase que exclusivamente nas mãos das missões. Com a introdução do *Apartheid*, as escolas destinadas aos negros foram completamente desorganizadas e, em qualquer caso, só cobriam uma pequena parte dos alunos em potencial. Cerca de 30% das crianças com idades entre sete e dezesseis anos frequentou a escola em 1949, por exemplo. A iniciativa de Verwoerd em promover o que ficou conhecido como Educação Banto teve um efeito duplo. Por um lado, trouxe a educação africana sob o firme controle do Estado. O sistema escolar foi conscientemente usado para difundir a mensagem do *Apartheid*. O ethos que permeava a política educacional, pelo menos fora das reservas, era de que o ensino africano deveria ser limitado às habilidades para a manutenção do funcionamento da economia branca, e sua ênfase se dava nas competências básicas aprendidas nos primeiros quatro anos na escola. Por outro lado, o número de pessoas que foram incluídas no sistema educacional aumentou de maneira substancial com a introdução da Educação Banto (Idem, P. 43).

Podemos perceber que o sistema trouxe a educação para os povos africanos, porém, de forma limitada e sobre o controle total do Estado, que não deixou de beneficiar também a classe dominante, quando usou do sistema escolar para difundir as ideologias do apartheid, de forma que o ensino africano deveria manter o bom desenvolvimento da economia branca.

Assim como na educação, a segregação também estava presente no lazer, precisamente no esporte, com a política da prevenção do contato racial em que era proibido a formação de um time de diferentes raças.

A segregação racial representou ao mundo o banimento dos direitos civis do negro, desrespeitando-os e privando-os de sua própria liberdade. Roubando-os dos mesmos, a liberdade de locomoção, de expressão, de entretenimento, de saúde e como se não fosse o bastante, um espaço na terra dos cemitérios. Vejamos

Os direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais dos negros foram extintos, perdurando tal situação por mais de 40 anos. As diferenças raciais foram oficializadas, e a segregação atingiu todas as relações sociais sul-africanas. Ficou estabelecido que negros não tinham direito a voto, que haveria separação nas escolas e universidades, nos transportes

públicos, nos empregos, nos esportes, nos hospitais, nos locais de entretenimento, nos cemitérios e até mesmo nas relações conjugais. Esse foi o sistema do Apartheid, isto é, o “desenvolvimento separado” ou “liberdade separada”. Para o discurso dos afrikanders, os negros tinham recebido sua parte de direito, poderiam desenvolver sua própria nação, tal como os brancos estavam fazendo. Eles não seriam mais considerados como inferiores, apenas diferentes. (NASCIMENTO, 2009, P.33).

Como podemos perceber, o regime segregacionista praticava vários crimes contra os direitos humanos, crimes estes que perpassaram por mais de quarenta anos. Crimes como impedir que outra pessoa escolha seus próprios representantes, negar ao outro o direito à educação que é a base para o desenvolvimento de país, pelos simples fato do outro ter a cor da pele negra. Forçar um negro sair do transporte público quando tiver um branco é uma ação bárbara que mexe com a dignidade humana.

Escravizar, maltratar, oprimir e esmagar alguém, negando o direito ao trabalho é algo devastador. Separar pela cor, pela posição social e pelo cabelo onde e quem vai atender na saúde é humilhante e mais difícil ainda é saber que depois de um vida inteira de sofrimento e por ter seus direitos jogados ao destino, ou precisamente a política do apartheid, não ter ao menos a decência de ser sepultados dignamente.

A segregação durante todo o tempo estava relacionada no âmbito político, pois toda e qualquer manifestação que pudesse acontecer de pessoas negras e que tivesse como fim um objetivo político, estes seriam repreendidos pelo Estado. Vejamos:

A segregação no Apartheid também se dava no âmbito político, tendo em vista que a participação política partidária da população negra era proibida (assim como o próprio direito ao voto), e toda e qualquer organização negra que possuísse um propósito político deveria ser regulamentada e constantemente vigiada pelos órgãos repressivos do Estado Sul-africano. Além destas regulamentações, também era proibida a manifestação política dos negros sul-africanos, assim como a reunião de pessoas com fins políticos (FONSECA, 20014. P. 20).

O regime de segregação a todo o momento também esteve presente no sistema econômico também, tendo em vista que eles eram os responsáveis para gerenciar toda a questão relacionada à economia, ou seja, os trabalhos.

Ficava a critério da classe branca escolher quando, como e onde os proletariados iam trabalhar.

Por sua vez, o Apartheid também possuía uma ampla segregação no âmbito econômico, regulamentando cuidadosamente as relações de trabalho, ou seja, destinando como, quando e onde a população deveria trabalhar, a partir da designação de banto supérfluos. A legislação trabalhista do Apartheid também coibia a existência de organizações sindicais para a população negra (a não ser em alguns momentos em que a negociação seria necessária, gestando organizações sindicais alinhadas com o governo), proibindo também o direito de greve aos trabalhadores negros. Além dessa intensa regulamentação do trabalho com um caráter mais urbano, a legislação do apartheid possuía toda uma preocupação com o trabalho do campo, regulamentando territórios e, em alguns momentos, os produtos a serem produzidos. (Idem. P. 21).

Podemos perceber que em nenhum momento as leis trabalhistas defendiam os trabalhadores negros, pelo contrário, tiravam dele o direito de exercer a sua cidadania.

A negação, ou a punição aos trabalhadores negros por buscarem os seus direitos de cidadãos era algo certo. E como forma de se defender daqueles que lhes violentavam, estavam às formações das greves, movimentos que representam a insatisfação, a humilhação e a violação de ter sua dignidade jogada ao lixo. Porém, esse regime brutal, defendido pela lei, proibiam qualquer manifestação ou greves que os trabalhadores negros viessem a realizar.

E o que fazer com todo o sofrimento? Com todas essas leis injustas criadas para separar os povos simplesmente pela cor da pele? O que fazer com as pessoas que se dizem superior, da raça pura, quando na verdade são pessoas medíocres, racistas, cuja finalidade é o poder, o status? O que acontecerá com esses povos que foram por mais de cinquenta anos privado de sua liberdade? Será que alguém em algum lugar, resolveu lutar contra esse regime cruel? Quem? Como? Quais foram às consequências daqueles que resolveram se sensibilizar com a dor do outro? Quantas vidas foram sacrificadas na luta contra o apartheid?

Esses são questionamentos que irão ser respondido no decorrer da leitura do próximo capítulo.

CAPITULO II

OS MOVIMENTOS RESISTENTES AO APARTHEID SOB A LIDERANÇA DE NELSON MANDELA

2.1 As lutas contra o apartheid

As lutas contra esse sistema aconteceu por causa dessa separação entre os povos da África do Sul, dos direitos que foram negados aos negros, do desrespeito à vida dos negros, mestiços e índios. Esses movimentos eram exatamente para que não houvesse essa separação, esse racismo para com a maioria da população do sul da África. Era a busca pelos seus direitos e que fossem direitos iguais. Por isso houve conflitos violentos que marcou os africanos tanto psicologicamente como fisicamente. Essas lutas que foram travadas no sistema apartheid deixaram muitas pessoas presas, como também matou muitas outras.

A luta era contra o sistema de segregação entre brancos e pretos e um dos principais figuras que lutou contra este mal, foi Nelson Mandela, fundador da Liga da Juventude e dos militantes políticos da África do Sul contra os abusos do poder no que diz respeito a maior parte da população que se concentrava em pretos e mestiços.

As lutas contra esse regime que antes de ser legalizada, acontecia de forma sutil, porém esmagadora, chegaram e as injustiças dos povos brancos em detrimento dos povos negros foram abaladas por heróis que resolveram se sensibilizar com as injustiças do outro. Mesmo que isso lhes custasse à vida.

A luta em favor da vida e contra o apartheid surgiu em 1912, juntamente com a fundação do Congresso Nacional Africano (CNA), a primeira manifestação política em favor da população negra. Essa organização foi formada por mentores apoiados pelas escolas missionárias europeias, cujos títulos eram correspondentes das universidades norte- americanas e europeias. E que tinham como objetivo congregar a nação africana.

Os primeiros mentores do CNA (Congresso Nacional da África) buscavam a priori, formas pacíficas para acabar com as injustiças ocorridas ao

longo da segregação. Desta forma, chegaram à conclusão de que um diálogo aberto com os africaners, de forma que viessem a explicar todo o conteúdo injusto aplicado aos povos negros daria para diminuir a segregação racial. Vejamos:

A estruturação do sistema do Apartheid foi acompanhada pela luta anti-racista. Em 1912, foi fundado o Congresso Nacional Africano (CNA), primeira organização política dos negros sul-africanos. Seus criadores, egressos das escolas mantidas por missionários europeus, muitos deles com estudos e títulos obtidos em universidades norte-americanas e europeias estabeleceram um programa inicialmente conciliador. Os primeiros líderes do CNA acreditavam que poderiam discutir com os afrikaners o conteúdo injusto das leis de segregação racial e pensavam também convencer os liberais britânicos a admitir a co-participação dos negros nas questões políticas. Logo a perspectiva inicialmente perseguida pelos líderes do CNA seria posta à prova diante da greve de 40 mil mineiros negros em 1920 (PEREIRA/ VISENTINI, 2010. P.47).

Além da proposta de conversas com os africaners para expor as injustiças praticadas por eles, houve também uma proposta para dialogar com os britânicos, com o intuito de que eles admitissem que o negro pudesse participar das questões políticas daquela república.

Neste trecho, podemos perceber que houve uma tentativa por partes dos CNA de conscientização dos erros ocorridos injustamente. Uma tentativa de valorização da vida humana, uma tentativa de devolver aos negros os direitos de exercer a sua cidadania. Porém, essas medidas não foram aceitas e a luta dos pretos contra os brancos continuava.

O Congresso Nacional da África não desistiu de lutar contra os horrores do apartheid, e em 1940 adotou novas medidas contra esses regimes. Medidas estas apaziguadoras em relação às leis segregacionistas, em 1955 a CNA conseguiu ampliar esses movimentos através da Carta da Liberdade, que foi uma carta escrita pelos índios, mulatos, socialistas e liberais cujos objetivos seriam denunciar os abusos do apartheid e conversar sobre a libertação dos povos em questão e a distribuição da riqueza de forma justa.

Na década de 1940, o CNA adotou uma estratégia de resistência não violenta em relação às leis segregacionistas e, em 1955, conseguiu ampliar a frente anti-racista através da chamada Carta da Liberdade, subscrita também pelos movimentos de indianos, de mulatos, de liberais e de socialistas. A Carta apresentava uma denúncia radical do Apartheid e discutia sua abolição, bem como defendia a redistribuição da riqueza. (PEREIRA, 2010. P. 9,10).

Como podemos observar, a luta pela liberdade não cessava e o que se vê é que existia uma iniciativa de busca pela igualdade de forma pacífica tendo em vista uma batalha cujos objetivos era a inclusão política e privilégios para todos independente da raça.

Segundo PEREIRA (2010) após a Segunda Guerra os movimentos sociais se intensificaram e aconteceram cerca de 3000 greves, envolvendo desta vez, negros e brancos, alterando desta forma o sistema político sul africano. Com estas greves surge o PAC (Congresso Pan- Africano), que é um grupo de dentro do CNA, porém com ideias mais radicais. Como podemos ver:

Essas greves provocaram o surgimento, dentro do CNA, de um setor mais radical liderado por Nelson Mandela e Oliver Tambo, que assumiram, lentamente, posições de comando dentro da organização. Em 1958, setores do CNA que discordavam da política multirracial do movimento criaram o Congresso Pan-Africanista (PAC), que, em 1960, convocou uma manifestação na cidade de Sharpeville para protestar contra a lei que limitava o movimento dos trabalhadores negros em áreas reservadas aos trabalhadores brancos. A repressão foi intensa e em seguida PAC, CNA e Partido Comunista foram postos na ilegalidade (PEREIRA/ VISENTINI, 2010. P.49).

Com ideias revolucionárias o PAC realizou uma movimentação na cidade de Sharpeville contra a “lei do passe” que limitava o direito dos negros de ir e vir na África do Sul. Com essa movimentação a polícia revidou fortemente e cerca de 50 a 60 pessoas morreram e aproximadamente uns 180 ficaram gravemente feridos.

Foi a parti desses acontecimentos que o CNA (Comissão Nacional da África), o PAC (Congresso Pan- Africano) e o Partido Comunista foram vistos e tratados como ilegais.

Essas greves foram comandadas por dois grandes líderes da CNA: Nelson Mandela e Oliver Tambo. Homens guerreiros que se sensibilizaram diante do sofrimento negro e que lutaram até o fim por união sem distinção dentro da África do Sul.

As lutas que se travava entre CNA a classe dominadora branca dificilmente era pacificadoras, pois muitas pessoas além de terem seus direitos violados, eram tratadas como lixo, sem nenhuma consideração, sem contar nas torturas físicas e psicológicas de um povo que gritava por direitos iguais, reconhecimento por ser um ser humano. Essas lutas desencadearam mortes e um sentimento de fazer justiça. Mas como fazer justiça, se a própria justiça era quem elaboravam leis que os maltratavam, que os humilhavam?

O CNA resolveu buscar apoio internacional contra o apartheid e Mandela para assumir a liderança do movimento de forma secreta.

Em 1961 a luta armada foi confiada a uma ala militar, denominada; *Umkhoto we Sizwe* (idioma Zulu) a “Lança da Nação”, tendo Mandela como seu comandante chefe. Em dois dias de ação *Umkhoto* realizou uma sucessão de explosões atingindo edifícios públicos e instalações em Durban, Johannesburgo e Port Elizabeth (CUNHA, 2012, P. 21).

Podemos observar que as lutas foram violentas e que uma das consequências por tais conflitos foi à morte e prisão de líderes, inclusive Nelson Mandela que primeiro foi transportado clandestinamente e depois foi preso sobre a acusação de incentivar as greves.

2.2 A figura de Nelson Mandela

Nascido em Mvezo (África do Sul) em 1918 e como Nelson Rolihlahla Mandela e era um dos treze filhos de Nkosi Mphakanyiswa Gadla Mandela com Nosekeni Fanny, o defensor dos direitos dos negros e vencedor do Prêmio Nobel da Paz, Nelson Mandela teve uma infância baseada em estudos e observar os adultos.

Estava sempre prestando atenção nos tabus, nos rituais e na cultura que rodeava o seu povoado. Essa era a educação que ele tinha, a mesma ele mesmo tinha que buscar. Aos 9 anos de idade perde o pai e é enviado para ser

cuidado pelo povoado vizinho ao seu e foi lá onde realizou os rituais onde, misticamente, deixaria sua infância para trás.

Mandela tinha algo diferente dos outros rapazes, pois na cerimônia de realização de sua circuncisão, que significava o abandono da infância, já começara a ter pensamentos críticos sobre as tradições.

Sem dizer uma palavra, pegou e puxou o meu prepúcio e passou o assegai.[3] Foi um corte perfeito, limpo e redondo como um anel. Em uma semana a ferida cicatrizou, mas sem anestesia a incisão era como se chumbo derretido estivesse correndo nas minhas veias. Por segundos, esqueci-me do refrão e tentei absorver o choque do assegai afundando minha cabeça e meus ombros em uma cerca de relva. Recuperei-me e só consegui repetir a fórmula “Ndiyindoda!” (Sou um homem!). Os outros meninos pareciam muito mais fortes e repetiram o refrão pronta e claramente quando chegou a vez de cada um. (STENGEL, 2011. P. 19)

Mandela, então, concluiu sua infância e seus estudos e foi para a Universidade da África do Sul onde pôde conhecer muitos jovens negros que também eram cheios de ideias e de lá começou a ter ideias e manteve seus contatos. Ainda na Faculdade entrou para um partido juvenil que visava denunciar 2 milhões de brancos que dominavam 8 milhões de negros, além de deterem 87% do território do país.

Engajado nesses movimentos, Mandela acabou por se tornar um aluno visível e passou a ser considerado um grande líder ainda na adolescência. Como mostra Stengel (2011)

Mandela era um aluno popular em Fort Hare: brilhante, bem-apegoado, atlético, justo. Durante seu segundo ano, participou de um protesto contra algo mais prosaico que preconceito: comida. Os alunos que protestavam contra a baixa qualidade da comida decidiram boicotar a eleição dos estudantes, mas alguns votaram mesmo assim e Mandela foi eleito para o conselho de estudantes. . (Idem, P. 51)

Após vários outros eventos na faculdade, bem como no povoado onde morava, fugiu com um primo para Johannesburgo onde começou a viver uma vida imprestável e só depois de conhecer seu futuro mentor e amigo, Walter Sisulu, que ele começou a tomar rumo.

Mandela, então começou a trabalhar no escritório de advocacia junto com um amigo onde começou a ficar conhecido pela forma como descrevia aos processos que acompanhava. Como mostra Stengel (2011).

Ele trabalhou em casos em que juizes avaliavam a classificaçao racial dos seus clientes pela curvatura dos seus ombros ou se uma caneta permanecia em seus cabelos. Trabalhou em casos em que réus brancos eram absolvidos e réus negros, condenados por conta de sua cor. E viu, dia após dia, como o governo usava a lei para reprimir o CNA e o movimento pela liberdade. "Na prática real", ele escreveu em seu diário inédito, "a lei nada mais é do que a força organizada, usada pela classe dominante para moldar a ordem social de forma favorável a si mesma." Ele relutantemente concluiu que a lei não era sobre imutáveis princípios morais de justiça equitativa, como havia acreditado, mas uma tática para ser usada para seus próprios fins políticos. (Idem, P. 51)

Mandela que antes, pensara que as leis eram justas, percebe-se que as leis eram favoráveis as desigualdades, eram injustas, que beneficiavam os brancos sempre. Percebeu que as leis eram mutáveis e que se estabelecia de acordo com as necessidades da classe dominante. Desacreditado em leis que foram criadas para fins próprios, particulares, e que não traria beneficio algum para os povos negros, sofridos e injustiçados, se revoltou, como um grande líder não poderia calar diante das barbaridades ocorrida naquele momento.

Mandela foi um líder nato, que lutou incansavelmente pela causa negra, depois de tantas reivindicações e movimentos em prol da negrura, começou as perseguições políticas que se agravaram diariamente.

Mandela também ficou conhecido pelos jornais como o Pimpinela Negro, porque passou a viver na clandestinidade e quando menos se esperava estava em todos os lugares e sempre escapava da polícia. Ele ligava dos locais onde estava para dar noticias de como eles tinham esquivados dos policiais e escrevias sempre aos jornais, desabafando sobre seus desejos. Vejamos:

Vivo sem paz no meu próprio país, longe da minha mulher e das minhas filhas. Ao lado de vocês, meu povo, vou lutar contra o governo. E você, o que vai fazer? Eu já fiz minha escolha. A minha vida é lutar pela liberdade e vou continuar lutando até a minha morte...(BERGMAR, 2009. P. 06.)

Um jovem negro, estudante cujo destino era lutar contra as injustiças impostas a seu povo. Era corajoso, por isso estava sempre a frentes dos movimentos estudantes e grevistas, não temia à morte.

Era um jovem estudante de Direito que enfrentava o governo, liderando movimentos estudantis e grevistas, sendo preso e sentenciado, em 1962, a cinco anos de reclusão em Robben Island, uma ilha prisional totalmente afastada do continente. Entretanto, dois anos após, sua pena foi comutada para prisão perpétua e Mandela passa vinte e sete longos anos no presídio, acusado de traição à pátria. Nesse lugar que Bettelheim (1987) denominaria o “lá- então”, desenvolve o percurso do herói, adquirindo as competências necessárias à obtenção de sua heroicidade: sabedoria, comedimento, capacidade de perdoar, humildade, astúcia (MARTINS, 2011. P. 86, 87).

Em 1962 foi condenado a 5 anos de prisão porém 1 anos depois, houve um novo julgamento em Mandela, em que foi condenado à prisão perpétua por traição a pátria, porém não se desesperou, pelo contrário, buscou forças dentro de si, enfrentou arduamente aos 27 anos de prisão buscando paciência e procurando não sentir qualquer tipo de sentimento que viesse adoecer ou fraquejar em sua luta. Nesses longos anos, se tornou um herói, conseguiu em seu silêncio as aptidões precisas para adquirir sabedoria, humildade e principalmente a capacidade de perdoar.

Nelson Mandela teve muitos professores em sua vida, mas o maior de todos foi a prisão. A prisão moldou o homem que vemos e conhecemos hoje. Ele aprendeu sobre a vida e a liderança a partir de muitas fontes: o pai distante; o rei de Thembu, que o criou como filho; seus amigos e companheiros leais, Walter Sisulu e Oliver Tambo; figuras históricas e chefes de Estado, como Winston Churchill e Hailé Selassié; as palavras de Maquiavel e Tolstói. Mas os 27 anos que passou na prisão tornaram-se o teste que o fortaleceu e consumiu tudo o que era insignificante. A prisão ensinou-lhe autocontrole, disciplina e foco – as qualidades que considera essenciais à liderança – e ensinou-lhe como se transformar num ser humano completo. (STENGEL, 2010. P.14).

Com isso, entende-se que a batalha de Nelson Mandela pela vida não foi algo fácil, porém, o que o motivava a viver era a luta pela a liberdade. O abolicionista em toda a sua vida acadêmica contou com vários professores, mas o local onde mais aprendeu foi na prisão (MARTINS, 2011). Foi lá que Mandela reformulou suas ideias, adquiriu paciência, determinação, planejamento e manteve-se firme naquilo que acreditava. Tornou-se um homem humilde, maduro e sábio que conseguiu nestes longos anos de prisão

a perdoar a todos aqueles que alimentaram o sistema de segregação por mais de 50 anos.

Mandela como grande líder, mesmo na prisão consegue incentivar a luta contra o apartheid, ou seja, contra a separação de povos, a exploração de seres humanos, a exclusão dos seus direitos e a liberdade de ser livre e de ter sua vida respeitada, de ter uma vida digna. O revolucionário, com sua inteligência, não parou de liderar os movimentos que ocorriam fora da cela em favor dos negros. Ele sempre buscava uma maneira de enviar aos seus companheiros e aí está Oliver Tambo, (grande amigo), sua esposa (Winnie) as coordenadas dos movimentos. Também enviava cartas à comunidade internacional que o apoiou durante muito tempo na prisão.

As cartas não podiam ter mais de 500 palavras e só podia falar sobre a família. As correspondências eram censuradas a procura do assunto e para quem era o destinatário. Porém, Nelson Mandela, uma pessoa astúcia, resolve enviar as cartas através de uma caixa de fósforos, precisamente no fundo da caixa. “O fundo das caixas de fósforo funcionava como pombo correio” (BERGMAR, 2009. P.10). Era desta forma que Mandela conseguia enviar ordem e sugestões de trabalhos aqueles que estavam “livres” e que pertenciam ao CNA (Congresso Nacional da África).

Com um tempo, para conversar sobre os movimentos da CNA (congresso Nacional da África), Mandela e sua esposa criaram uma linguagem secreta para que pudessem conversar sem que fossem interrompidos.

Mandela foi preso quando suas filhas ainda eram crianças. Aos doze anos de idade, sua filha Zindzi lhe escreveu um poema dizendo-lhes:

“Meu coração dói
Tenho saudades do meu pai
De poder ver o meu pai
De pelo menos lhe segurar as mãos
E poder consolá-lo
De pelo menos lhe

dizer que um dia

Ele vai retornar”

(BERGMAR, 2009. P. 10)

O Apartheid tirou da filha a convivência com o pai, e arrancou do pai a oportunidade de educar sua filha. Isso aconteceu com inúmeros pais que foram presos que teve que viver a vida inteira distante de seus filhos e do amor dos seus familiares.

O revolucionário, dificilmente acatava as ordens que vinham de seus algozes, era submetido a sobreviver em alugares pequenos, a trabalhar forçadamente, porém nunca deixou de acreditar na África do Sul como uma república justa e humana. Discorre Lima:

Mandela, nem sempre resignado, acatou as consequências advindas de seu aprisionamento. Em uma cela minúscula, submetido a trabalhos forçados e com uma permanente fiscalização em suas correspondências enviadas e recebidas, nunca deixou de acreditar numa África do Sul humanamente, mais justa, onde o povo africano, independente do pigmento de sua pele, pudesse viver com o mínimo de dignidade humana e social (LIMA, 2012. P. 7).

Na prisão, sempre ao amanhecer, Mandela recitavam uma poesia como meio de encorajá-lo a enfrentar mais um dia injustiça e de solidão. Discorre Martins (2011)

Invictus

Sob o manto da noite que me cobre
negro como as profundezas de um pólo a
outro

Eu agradeço a todos os deuses
por minha alma invencível.

Nas garras ferozes das circunstâncias
Não me encolhi, nem derramei meu pranto
Golpeado pelo destino
minha cabeça sangra, mas não se curva.

Longe deste lugar de ira e lágrimas,
só assoma o horror das sombras

ainda assim, a ameaça dos anos me
encontra
e me encontrará sempre destemido.

Pouco importa quão estreita seja a porta
quão profusa em punições seja a lista
Sou o senhor do meu destino
Sou o capitão de minha alma

William Earnest Henley (1849-1903)
(Tradução do filme)

Neste poema podemos observar que é muito propício ao momento da vida de Mandela e de todos aqueles que lutavam pela igualdade racial, de direitos e de dignidade. Um poema que fornece a ideia de que devemos batalhar por aquilo que acreditamos. Que agradece pela oportunidade de todos os dias amanhecer viva. E que por mais difícil que fosse o combate naquele ambiente, ela jamais se curvou diante das dificuldades. Um lugar que teria tudo para ser de ódio e de lágrimas encontra uma pessoa destemida, sem mágoa e sem ferida não importando as consequências, por ter lutado pela desagregação. Dizia ser ele na poesia de William Earnest Henley “Sou o senhor do meu destino/ Sou o capitão da minha alma e de sua alma”.

Em 1985, depois de vinte anos, a filha de Nelson Mandela leu uma pequena mensagem de seu pai ao povo que dizia:

...Penso na minha liberdade, mas penso mais ainda na de todos vocês. O presidente Botha tem que legalizar o ANC, libertar os presos políticos, abolir o apartheid e permitir o voto a todos... (BERGMAR, 2009. P. 11)

Cinco anos depois, mediante as várias negociações de Mandela com o governo, ele ganha a liberdade. Recebido com aplausos e esperança de todos aqueles que sofreram junto com ele as injustiças, a opressão e a desumanização do povo. E cada viva gritado pelo povo aumentava a esperança naquele que abdicou toda a sua vida para lutar ao lado do povo e pelo povo.

Em fevereiro de 1990, após vinte sete anos na clausura, Nelson Mandela é posto em liberdade, diante de um grande clamor de Viva Mandela. Quatro anos depois é eleito o primeiro presidente negro da África do Sul. Uma das infinitas expressões célebres ditas por Mandela depois da solenidade de posse como presidente da África do Sul foi: Nunca, nunca e nunca de novo esta bela terra experimentará a opressão de um sobre o outro. Durante os cinco que esteve na presidência, de 1994 a 1999, Mandela desenvolveu vários projetos de políticas reparatórias como forma de minimizar as mais perversas atrocidades impostas ao povo africano durante o período do apartheid (LIMA, 2012. P.8).

Em 1994, foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul, em que desenvolveu várias políticas públicas com o objetivo de minimizar as injustiças que o povo da África do Sul viveu por um longo período.

CAPÍTULO III

OS RESULTADOS DA LUTA CONTRA O APARTHEID

3.1 O declínio do apartheid

Mesmo acontecendo a luta contra o sistema de segregação, a África do sul e todos aqueles que o comandava conseguiram o desenvolvimento econômico da república em questão, porém, para que se desenvolvesse esse processo de industrialização, dando um grande salto na economia, a força negra foi explorada e tida como principal instrumento para o êxito da economia no país. Esse sucesso foi obtido pelo trabalho da mão de obra barata da maioria negra. Como podemos ver abaixo

A África do Sul, enquanto um país periférico foi submetido, historicamente, à inserção na economia mundial como exportador de produtos primários. Com o final da Segunda Guerra Mundial, o país desenvolveu um processo de industrialização por substituição de importações, que deu lugar à criação de setores industriais voltados para o mercado interno e dependentes de altas barreiras tarifárias. Os sucessivos governos do Partido Nacional, entre 1948 e 1994, perseguiram o objetivo de assegurar aos empresários e agricultores afrikaners (suas bases eleitorais) a inclusão na dinâmica econômica do país. Esse privilégio, necessariamente, teria que se sustentar através da mão-de-obra barata e não especializada da maioria negra. A política econômica adotada durante esse período, a industrialização por substituição de importações (sustentada pelo excedente da exploração do ouro), fez da África do Sul um dos dez países mais ricos do mundo, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Foram criadas tarifas protecionistas na tentativa de desenvolver um setor industrial local e, quando as sanções internacionais começaram a causar problemas, o governo sul-africano buscou alcançar a autossuficiência no maior número de áreas possível. Com resultado desse esforço, a indústria tornou-se o setor mais importante da economia sul-africana nos anos 1960, e sua contribuição para o PIB era maior que a da mineração e da agricultura junta (PEREIRA/ VISENTINI, 2010 - P. 50).

Pode-se perceber que o ápice da economia da África do Sul ocorreu devido os trabalhos, mesmo não especializados, dos negros nas indústrias. Essa aceleração no processo de industrialização tinha como objetivo dar respaldo aos empresários e aos agricultores assegurando-os em meio à economia do País.

Após várias batalhas entre negros e brancos o apartheid chegava ao fim. Segundo Visentini (2010) no ano de 1980, foram três os pontos fundamentais para que isso acontecesse. Primeiro, a queda do preço de ouro, ou seja, a desvalorização da matéria prima e respectivamente a lucratividade, o declínio das exportações e a desvalorização dos produtos sul- africanos. No segundo estão as dívidas das receitas fiscais por causa da desvalorização da matéria prima ocasionando desta forma, dividas exorbitantes que já não dava para manter o funcionamento do sistema de segregação. Desta forma, tornava-se a África do Sul, uma nação isolada. E em terceiro, as dividas acumuladas imposta a África do Sul que foi obrigada a fazer grandes retiradas de créditos. Sentindo que já não mais dava para manter esse regime, a África do Sul entre em crise politica e principalmente econômica, chegando desta forma uma situação insustentável, pondo um fim no apartheid. Discorre Pereira (2010)

Dessa forma, durante a década de 1980, três acontecimentos provocaram a recessão da economia, anunciando o fim do Apartheid. Em primeiro lugar, a queda dos preços do ouro, que começou em 1981, reduziu as receitas cambiais e prejudicou a lucratividade das minas de ouro. O preço do ouro declinou de maneira bastante constante entre 1981 e 1985. Essa queda, que afetou também outras matérias-primas, levou a um declínio das exportações e a uma desvalorização do Rand sul-africano, ao mesmo tempo em que causava também reduções drásticas nos ingressos orçamentários. Em segundo lugar, na medida em que a queda dos preços das matérias-primas provocava impactos graves nas receitas fiscais, as despesas orçamentárias necessárias para manter em funcionamento a máquina do Apartheid e assegurar a sobrevivência do regime tornavam-se exorbitantes. Agravando ainda mais esse quadro, o isolamento cada vez maior do país, não apenas em nível internacional, mas fundamentalmente em termos regionais após a independência de Angola, de Moçambique e do zimbábue, além das despesas militares e das despesas com a manutenção do aparato estatal de segurança tornariam o sistema insustentável (Ibid, P.51, 52)

Podemos perceber que a crise econômica afetou o governo que não conseguiu convencer seus clientes de que a discriminação racial estava acabando e assim o governo insistia na violência interna.

No ano de 1983, foram revistas as leis que proibiam a união de casais de diferentes raças. Em seguida, caiu por terra a lei que coibia pessoas de diferentes raças a participarem dos mesmos partidos políticos. Três anos

depois, o governo noticiou leis que acabava com as limitações aos movimentos, à moradia e o trabalho de negros em espaços brancos. No ano seguinte, as regras com relação aos passaportes foram abolidas, criando o mesmo documento de identificação para todos os cidadãos da África do Sul. Vejamos

Apesar das ações repressivas, novas frentes de oposição foram criadas, como a United Democratic Front (UDF), a Azanian People's Organization (Azapo) e o Congresso f South African Trade Union (Cosatu). Em abril de 1985 foram revogadas as leis que proibiam casamento e relações sexuais entre pessoas de diferentes raças. No mês seguinte, caiu a proibição de pessoas de raças diferentes pertencerem ao mesmo partido. Em abril de 1986, o governo promulgou leis que eliminavam restrições ao movimento, residência e emprego de negros em áreas brancas. Em julho de 1986, as leis de passaporte foram revogadas, criando-se um mesmo documento de identidade para todos os cidadãos sul-africanos (SILVEIRA/ VISENTINI, P.53,54).

Após a revogação das leis que a pouco foram citadas, houve também, a incorporação dos negros profissionais e técnicos na economia industrial em diversos ramos: gerentes, administradores, a gente administrativo de escritório e vendas.

Dentre os acontecimentos que marcaram o fim do apartheid está a liberdade de Nelson Mandela que começou sendo negociada no ano 1989 e se findou em 1990. Ao sair da prisão foi abraçado e aclamado pela multidão, pelo seu povo, que agora via nele a esperança da libertação, da desagregação e de democracia.

Mandela ficou conhecido pelo mundo todo como um grande líder, pessoa humilde, que lutou firmemente pelo seu povo e carregou consigo até o fim, a esperança de mudança.

3.2 Os reflexos do pós-apartheid

O apartheid foi um momento na história que muitos historiadores gostariam de não o encontrar em nosso passado. Há muitas descrições das barbaridades que foram implantadas pela simples diferença entre pensamentos políticos, éticos e raciais. Podemos, então dizer que esse momento de

segregação, especificamente, racial marcou um tempo em que a humanidade foi deixada de lado e muitos seres humanos passaram a ser tratados como animais.

Após uma longa batalha de pessoas que viam que tudo isso poderia melhorar, esse momento ficou no passado, mas mesmo assim não podemos deixá-lo de lado, uma vez que as atitudes do passado refletem, e muito, naquilo que fazemos hoje. Com todos os esforços, muitos destes feitos de dentro da prisão, Nelson Mandela, apoiado por uma legião de seguidores começou uma batalha contra todo o tipo de preconceito e segregação racial para com as pessoas de pele negra. Deu-se então início uma rebelião pautada em debates, em ações, proibições, discursos, prisões e, porque não dizer, mortes.

Então o regime denominado apartheid foi abolido e, contrariando muitas mentes enraizadas nessa política discriminatória, as pessoas, tanto brancas, como negras, passaram a ter direitos iguais perante a lei e a lutar para que a cultura da aceitação pudesse ser incrementada de maneira mais prática na vida das pessoas.

Contudo, mesmo após o apartheid ter ficado nas páginas amareladas de nossos livros de história, o assunto ainda não foi encerrado por completo e isso parece ser uma atitude correta, pois não devíamos esquecer algo que machucou tanto nossos irmãos. Após tantos anos, esse ainda é um assunto que chama atenção, seja nas áreas das ciências, como das artes, principalmente nessa última.

Como dizem que a arte imita a vida, infelizmente a arte teve sim que imitar também esse momento ruim de nossa história. O apartheid não só foi retratado de maneira real em autobiografias de inúmeras pessoas que passaram pelos eventos da época, como também serviu de inspiração para que personagens fictícios mostrassem as barbaridades que eram impostas aos negros na época.

Em 1986, Winston Groom escreveu um romance que mais tarde seria levado às telonas e nele um trecho rápido mostrava como eram tratados os negros naquela época que desejavam frequentar uma escola. Em uma

passagem do filme *Forrest Gump: O Contador de Histórias* (Paramount Pictures – 1994) o protagonista vivido por Tom Hanks acaba envolvendo-se no meio de uma confusão causada simplesmente pelo fato de estudantes negros estarem querendo se matricular na universidade no tempo da segregação racial. Em uma dessas cenas os negros são alcunhados de “macacos”, porém, o personagem título da produção acaba por ajudá-los.

Já em 2010, um romance de nome *The Help* (*A Resposta* no Brasil) foi lançado pela escritora norte-americana Katryn Stockett e conta como era a vida das mulheres de uma fictícia cidade no Mississippi em meados nos anos 60. A autora busca retratar, mesmo que numa ficção, de forma bem realista o que as mulheres negras passaram naquela época, dando foco para as empregadas domésticas. No recorte a seguir, temos um depoimento de uma das narradoras, esta sendo negra e empregada.

E sei que tem muitas outras coisas de "gente de cor" que eu podia fazer, além de contar as minhas histórias ou participar das reuniões de Shirley Boon — as assembleias na cidade, as marchas em Birmingham, os comícios sobre o direito de voto no norte do Estado. Mas a verdade é que não dou tanta bola assim pra votar. Não dou bola pra poder comer num balcão com gente branca. Dou bola pra se daqui a dez anos uma mulher branca vai chamar as minhas meninas de sujas e acusar elas de roubar a prataria. (STOCKETT, 2010. P. 15)

Notemos no trecho anterior que a narradora dá a entender que compreende o estado do negro da época e que não tem muitas aspirações na vida, embora o sonho de não ser mais rejeitada ou excluída pela cor de sua pele ainda continue persistente.

Na passagem outra passagem abaixo vemos um trecho em que a antagonista cria um projeto de lei onde busca marcar ainda mais a segregação racista na pequena cidade. O trecho é narrado por uma outra doméstica negra.

— Foi exatamente por isso que criei o Projeto de Higiene para Empregadas Domésticas — diz dona Hilly. — Uma medida para prevenir doenças. Fico surpresa de ver como minha garganta se aperta. É uma vergonha eu ter aprendido a me manter submissa há tanto tempo. A dona Skeeter parece realmente atrapalhada.
— Projeto... o quê?
— Um projeto de lei que prevê que toda casa branca tenha um banheiro separado para as empregadas de cor. Até notifiquei o secretário de saúde do Mississippi para ver se ele apoia a ideia. (STOCKETT, 2010. P. 15)

O livro de Stockett foi muito bem recebido pela crítica e se tornou o Best-seller nº 1 dos Estados Unidos, com tanto respaldo, dos direitos da obra foram comprados e um filme vencedor de um Oscar também conquistou muitas pessoas.

Ainda na linha de repercussão de toda essa segregação racial que teve início com o apartheid, Alice Walker lança o romance *A Cor Púrpura* onde conta a história de uma mulher negra que sofre todo tipo de abuso: físico, racial, sexual, moral... etc. O livro também foi adaptado para o cinema onde recebeu inúmeras críticas positivas.

A luta dos negros por direitos essenciais de todo ser humano têm sido alvo de muitas produções no mundo das artes e de pesquisas históricas. Muitos críticos dizem que o mundo, especialmente os europeus, ainda têm uma grande dívida para com os negros, uma vez que foi graças à exploração deles que muitos governos vieram a crescer e tornar-se grandes potências.

No que se refere ao Brasil, acreditamos que ainda temos uma dívida para com os Negros e isso fica inegável quando estudamos a nossa história como nação. Muito negros vieram como escravos para as terras que, na época, eram dominadas pela Família Real Portuguesa, de maneira ilegal. O tráfico negreiro possibilitou a colônia e ao império desenvolver-se com mão de obra barata e sem preocupação nenhuma com a escravatura.

Ainda assim, a abolição da escravatura no Brasil não aconteceu de forma livre e espontânea vários movimentos foram armados e a economia pedia socorro. Cedendo a pressão, os portugueses assinaram o fim do tráfico negreiro, bem como o fim da escravidão.

Porém, como os negros continuaram sofrendo por um bom tempo com o fim do apartheid, aqui não foi diferente. Mesmo com a Lei Áurea, que libertou os escravos, os mesmo ainda permaneceram escravos de uma maneira ou de outra. Sem empregos, sem terras, sem posses e ou condições de trabalho como poderiam levar uma vida digna. Sem falar que, como as vítimas do apartheid, a população vigente ainda tinha em mente a condição recente do negro e isso era cultural, portanto seria necessário mudar a cultura dessas

pessoas ou esperar que o tempo trouxesse novas culturas. Não demorou muito, mas a mudança aconteceu.

O negro, hoje no Brasil, goza plenamente de todos os direitos que os brancos, embora a nossa batalha contra o racismo seja diária e não esteja voltada somente para o nosso país, mas nosso continente e planeta, pois onde há seres humanos haverá diferença e onde há diferença, sempre haverá um ponto em que todos seremos iguais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com temas como a etnia sempre rende boas discussões e acaba por acrescentar fatores que nos levem a crer ainda mais na necessidade de se respeitar todos os tipos de etnias, todas as raças e todas as culturas. No que se refere à escola, a temática torna-se um pouco mais complicada, pois é necessário tato para se trabalhar com uma variedade tanto de pensamentos quanto de etnias e culturas, como é o caso das salas de aulas.

Esta pesquisa foi muito importante não só para mim, mas para o meio acadêmico de um modo geral, para reafirmar a importância de se trabalhar os direitos civis e apoiar causas que venham defendê-los. Neste trabalho, aprendemos sobre a contextualização do apartheid, bem como das revoltas e ideais que lavaram às lutas para a abolição dessa política.

Acompanhamos o crescimento das revoltas e o surgimento de um líder que, mesmo encarcerado, comandou suas tropas, representou tanto sua etnia quanto a do outro e, munido de discursos e ideais políticos conseguiu por fim ao regime em questão.

Após o fim do apartheid, o negro foi aos poucos tomando o que era seu por direito, o trabalho, a voz e, porque não dizer, a própria existência. O período foi forte e cruel, pois restringia não só a voz, mas o direito à vida de muitos dos que iam contra a exclusão racial.

Com a pesquisa realizada para a construção desse trabalho pudemos perceber como se deu a participação do grande líder Nelson Mandela. Isso torna-se importante pois vem caracterizar uma figura imortalizada por sua luta a favor da liberdade, não só de pessoas, mas de uma raça em si, de uma etnia que era subordinada apenas por ser diferente.

Atentando para as definições e contextualização do apartheid é crucial para entendermos como as consequências chegaram a ser tão extremistas para aqueles que ousassem quebrar a linha ideológica definida pelo sistema segregacionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANALÚCIA, Danilevicz Pereira & VISENTINI, Paulo G. Fagundes. *África do Sul: História, Estado e Sociedade*. FUNAG/CESUL, Brasília.

BERGMAR, Magnus; WIMBERG, Marlene. *O Pimpinela Negro*. Ilustrações Jan Ake. Ed. Winqvist. 2009.

CAMPOS, Lorrane do Nascimento. *Análise do Apartheid como Crime Contra a Humanidade*. Brasília, 2009.

CUNHA, Luciana Lima. *Reflexões da Era da África do Sul e Pós-Apartheid na Comunicação Contemporânea*. São Paulo, 2012.

DANILEVICZ, Analúcia Pereira. *A (Longa) História da Desigualdade na África do Sul*. Mal – Estar na Cultura, 2010.

FONSECA, Danilo Ferreira. *África do Sul Entre o Apartheid e o Neoliberalismo*. São Paulo, 2014.

LIMA, Luciana da Cunha. *Reflexões da Era Apartheid e Pós – Apartheid na Comunicação Contemporânea*. São Paulo, 2012.

LIMA, Olga Maria Pereira. *A vida de Nelson Mandela na Concepção de Nelson Mandela*. Adail Sobral, 2012.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. *O Mito Mandela e o Sonho de uma Nação Arco-íris*.- Unesp- Bauru-SP. 2001.

NASCIMENTO, Lorrana Campo. *Análise do Apartheid Como Crime da Humanidade*. Brasília, 2009.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *Mal-Estar na Cultura A (Longa) História da Desigualdade na África do Sul*. CESUL, 2010.

STOCKERETT, Kathryn. *A resposta*. Ed. Bertrand Brasil. São Paulo, 2010

STENGEL, *Richard*. *Os caminhos de Mandela : lições de vida, amor e coragem/* Richard Stengel ; tradução Douglas Kim. -- São Paulo : Globo, 2010.